

O atomismo e os falsos infinitos

Atomism and false infinities

FLAVIA BRUNO*

Resumo: O atomismo é a filosofia que propõe a compreensão da física como ciência do nascimento e da morte, trazendo ao homem a saída da irracionalidade e das opiniões vãs, proporcionando uma vida longe das perturbações que lhe afetam e desestabilizam a alma e, conseqüentemente, ensejando a conquista de uma vida feliz. Para tal, o atomismo denuncia os falsos infinitos e os simulacros, que envenenam a felicidade com o medo, pervertendo o sistema da vida.

Palavras-chave: Atomismo. Falso Infinito. Simulacro. Epicuro. Lucrecio.

Abstract: Atomism is the philosophy that proposes an understanding of physics as a science of birth and death, bringing to man the exit from irrationality and vain opinions, providing a life away from the disturbances that affect and destabilize the soul and, consequently, conquest of a happy life. For this, atomism denounces false infinitives and simulacra, which poison happiness with fear, perverting the system of life.

Keywords: Atomism. False Infinities. Simulacrum. Epicurus. Lucretius.

* Flavia Bruno é doutora em Filosofia pela UFRJ, professora da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSB/RJ) e da Universidade Candido Mendes (UCAM/Centro). E-mail: profabruno@gmail.com

A física de Lucrecio está fora. E a nossa o está de novo. Os velhos sistemas fechados são abstrações ou ideias. É chegado o tempo da abertura (SERRES, 2003, p. 107).

Introdução

O que se pode chamar de filosofia atomista passa por uma sequência de pensadores do período antigo, a começar pelo que é considerado a personalidade mais obscura dos pré-socráticos: Leucipo de Abdera. Acreditando-se no testemunho de Aristóteles (2002, I, 4, 985b 5; 2001, I, 1, 2 e 8) e de Diôgenes Laértios (1987, IX, 6, 30), ele seria o criador da teoria dos átomos, estabelecendo os seus princípios fundamentais, como a multiplicidade originária dos átomos, seu caráter indivisível, ingerado, imperecível e infinito, tendo sido a teoria posteriormente desenvolvida em um sistema físico por seu discípulo Demócrito de Abdera que se tornou chefe da escola atomista. Este último, por sua vez, teria escrito uma obra intitulada *A grande cosmologia*, com a qual angariou distinção e honraria (LAËRTIOS, 1987, IX, 7, 39).

Tempos depois, ainda no mundo grego, o atomismo será recepcionado por Epicuro, que manterá os princípios desta filosofia e, no mundo romano, conhecerá em Lucrecio o seu maior expoente.

De Leucipo restou apenas um fragmento conhecido e de Demócrito mais de duas centenas deles, versando sobre moral, física, política e educação; de Epicuro, que teria escrito cerca de trezentos volumes, se conservaram três cartas completas que revelam o essencial de seu pensamento e, de Lucrecio, foi preservado o seu poema *De rerum natura* na integridade, a mais completa fonte para o estudo da filosofia atomista e, em particular, da física.

Assim, ainda que pese as diferenças que possam haver entre esses diversos autores (e a obra de Marx, *Diferenças da filosofia entre Demócrito e Epicuro*, é dedicada a essa distinção), o presente trabalho traçará uma linha comum entre eles, destacando ideias e princípios gerais da física atomista, sem referências personalísticas ou autorais¹.

¹ Cumpre registrar o testemunho de Cícero que afirma que a maior parte da compreensão física de Epicuro é obra de Demócrito (*Do sumo bem e do sumo mal*, I, VI).

1. A união entre a Física e a Ética

Richard Feynman, em sua obra *Física em doze lições – fáceis e não tão fáceis*, faz uma curiosa pergunta: na circunstância de todo o conhecimento humano ter desaparecido e aos homens restarem apenas uma frase para transmitir às gerações seguintes, que frase poderia conter o maior número de informações, usando um número mínimo de caracteres? Eis a sua resposta: “todas as coisas são feitas de átomos”.

Feynman encontra no atomismo a melhor das sínteses para expressar todas as ideias científicas construídas ao longo da história e do progresso humano, porque, diz ele, com um pouco de imaginação, muito se pode desdobrar daí (2017, p. 35-36). Este singelo enunciado seria suficientemente potente para fazer multiplicar inúmeros conceitos e teorias, mas mais do que isso, para tornar compreensível o que é a natureza.

O atomismo propõe ao homem abrir os olhos para a riqueza e a beleza do mundo: sua teoria afirma a vida em sua plenitude, em sua pujança, em sua vitoriosa força. E, mais do que isso, a partir da visão metafísica ou cosmológica, o atomismo desemboca em uma severa e singular teoria ética, levando o homem a superar o que lhe tira o sono e a tranquilidade da alma. Os autores que se dedicam a esta compreensão da natureza podem, por assim dizer, olhar para o homem comum e calmamente lhe esclarecer: tais perturbações não lhe dizem respeito.

Assim, o estudo da física, para Epicuro, não se limita ao estudo dos fenômenos celestes. A compreensão da natureza é um imperativo ao homem, porque só compreendendo o funcionamento do cosmos e, por conseguinte, a composição de todas as coisas, a que ele pode se libertar do que lhe atormenta e angustia. Diz Epicuro:

em primeiro lugar lembra-te de que, como tudo mais, o conhecimento dos fenômenos celestes, quer os consideremos em suas relações recíprocas, quer isoladamente, não têm outra finalidade além de assegurar a paz de espírito e a convicção firme, à semelhança das outras investigações (1987, Carta a Pitoclés, 85).

Do mesmo modo, em outra carta, Epicuro afirma que dedica suas energias, incessantemente, à investigação da natureza e é daí que tira, principalmente, a sua calma (1987, Carta a Heródotos, 37).

Se o epicurismo é vulgarmente conhecido como uma teoria do prazer, é porque o objeto da ética, ou da vida prática, é o prazer, o que significa uma ausência ou um meio de evitar a dor. Ocorre que mais do que as dores físicas que podem afetar o homem, existem obstáculos maiores e mais fortes: os fantasmas, os terrores, o medo da morte, em suma, tudo o que forma a inquietação da alma, todas as superstições (deisidaimonia) que ocupam o coração do homem (LUCRÉCIO, 2010, II, 46; IV, 5). Como diz Deleuze, a humanidade vive aterrorizada, mais do que dolorida (1988, p. 279). Os homens vivem em uma espécie de delírio, sem colocar limites nos seus terrores e com isso vão sofrendo intensas perturbações (EPICURO, 1987, Carta a Heródotos, 81).

Por isso, é preciso estudar o atomismo. É preciso estudá-lo para se aprender a desprezar o que consome e destrói o homem e não voltar mais atrás nessas tolices, posto que a superstição inspira ações ímpias e criminosas (LUCRÉCIO, 2010, I, 83; I, 101). A busca pelo prazer ou a conquista de uma vida feliz demanda não uma entrega a preceitos morais, mas uma rigorosa entrega ao entendimento, ao conhecimento do cosmos. Diz Epicuro: “o conhecimento dos fenômenos celestes, quer em suas relações recíprocas, quer isoladamente, não tem outra finalidade além de assegurar a paz de espírito e a convicção firme” (1987, Carta a Pitoclés, 85) e isso lhe trará uma segurança incomparavelmente forte em relação ao resto da humanidade (1987, Carta a Heródotos, 82-83); reduzirá a nada suas vagas ilusões e lhe tirará da pior das servidões.

A ignorância em que o homem vive mergulhado é a causa dos vãos temores que lhe sufocam e angustiam. O homem é como uma criança que de noite se apavora por tudo, mas, diferentemente da criança que se liberta dos medos com a aurora da manhã, a saída do homem dessa condição requer o tenaz estudo da natureza (LUCRÉCIO, 2010, II, 55-60; III, 85; VI, 35-40). Nesse sentido, a filosofia não é, como ensina Bergson, uma consolação em tempos de miséria, mas o objeto mesmo da vida (1972, p. 271); a filosofia atomista, particularmente, é um sistema confrontado com a vida, com uma clara intenção: livrar a alma humana das paixões que a ameaçam, a perturbam e a obscurecem.

2. Os falsos infinitos

O medo da morte e dos deuses está na origem mais violenta das emoções que devastam a vida do homem tornando-o incapaz de desfrutar a felicidade (BOYANCÉ, 1963, p. 42). O medo da morte leva o homem à ilusão de sua infinita capacidade em obter prazer e o medo dos deuses leva o homem à ilusão da

duração infinita da alma. Lucrécio no canto III, se empenha em demonstrar que a alma morre com o corpo, não necessitando temer a vida após a morte e que o medo inútil dos deuses tortura os mortais (2010, III, 982). Resume bem Deleuze os dois falsos infinitos que acometem a alma humana: “a inquietação da alma é pois feita do medo de morrer quando não estamos ainda mortos mas também do medo de não estarmos ainda mortos quando já o estivermos” (1987, p. 280). Trata-se pois de distinguir os verdadeiros e os falsos infinitos, dissipando as aflições desnecessárias que consomem o homem ao longo de toda a sua vida.

Mais grave ainda são as consequências que estes medos produziram ao longo de toda a história humana. Diz Lucrécio que

possuídos por um terror sem razão, querendo fugir para longe... forjam seus bens no sangue dos seus concidadãos, duplicam as suas riquezas com avidez, acumulando assassinatos sobre assassinatos; cruéis, sua alegria irrompem nas sombras funerárias de um irmão, odeiam e temem a mesa de seus pais. Por uma razão semelhante, nascida do mesmo medo, frequentemente a inveja os consome: sob seus olhos este aqui é potente, aquele lá admirado, avançam na glória e na honra, enquanto que eles são envolvidos nas trevas e na lama, eis o objeto de sua queixa. Morrem por um status e por um nome.... face ao espanto da morte o ódio de viver e ver a luz apodera-se dos homens, fazendo-os experimentar a morte na aflição do seu coração (2010, III, 68-81, tradução nossa).

Ou seja, a excessiva riqueza, as inúmeras guerras, completa ainda Deleuze, a propriedade, as convenções do Direito e da Justiça, as invenções da indústria, o luxo, o frenesi, são os acontecimentos que provocam a infelicidade humana e “não podem ser separados dos mitos que as tornam possíveis” (1987, 285). Além disso, as honras e as riquezas são meios de aturdir o homem, fazendo-o esquecer daquilo que o inquieta; assim, o rico e o honrado acreditam estar mais em segurança que o homem comum (BOYANCÉ, 1963, p. 147). Em uma só frase, o medo da morte é tão obsedante que a própria vida humana se torna insuportável. Por isso, Claudio Ulpiano diz que o objetivo de Lucrécio é libertar o homem de si mesmo (1994 b).

Ainda que submerso nesses medos, o homem pode, através do entendimento, vencer os falsos infinitos, concebendo as ideias dos verdadeiros infinitos, aplicando-as na compreensão da própria natureza. Diz Epicuro:

A carne não admite limite algum ao prazer, nem é limitado o tempo necessário para proporcioná-lo. O espírito, entretanto, tendo atingido um entendimento

racional do bem carnal supremo e sem limites, e tendo dissipado os temores relativos à eternidade, proporciona-nos a vida integral, e já não temos necessidade de tempo infinito (1987, XX).

Em resumo, é preciso não envenenar a felicidade com o medo, não perverter o sistema da vida (LUCRÉCIO, 2010, I, 105), posto que o grito da natureza é claro e fácil de ser compreendido: um corpo isento de dor, uma alma livre de terrores e de inquietudes (LUCRÉCIO, 2010, II, 18-19). Ou seja, para Epicuro conhecer a *phýsis* não é apenas desenvolver uma teoria no domínio da ciência. Seu alcance é muito maior e muito mais significativo: conhecer a natureza é o único caminho para nos purgarmos dos medos e das ilusões da existência. Ou seja, a compreensão do cosmos é a compreensão da própria ética; a compreensão da natureza, o único caminho para a felicidade. Saber distinguir o que é da ordem da natureza e o que é da ordem do mito; o que é a da ordem da vida e o que é da ordem das suas sombras.

3. As emanações

Na perspectiva atomista tudo corre, tudo flui. Eis a teoria da emanação que explica as sensações e o próprio processo do conhecimento. A ideia de Epicuro é que dos corpos sólidos provêm eflúvios (*reúmata*) ou emanações que ele chama de imagens (*eidola*) (1987, Carta a Heródotos, 46). Lucrécio afirma que de todos os corpos emanam imagens tênues em um fluxo que se distribui em todas as direções, sem trégua, sem repouso (LUCRÉCIO, 2010, IV, 225-229). Como afirma Serres, “cada objeto se torna a origem de uma infinidade de envoltórios” (2003, p. 160).

Algumas vezes se pode mesmo perceber claramente este processo de emanação, como é o caso do calor que sai do fogo ou da fumaça que sai da lenha (LUCRÉCIO, 2010, IV, 54-56), mas o atomismo é radical: todos os compostos atômicos são emissores constantes de partículas “insuperavelmente sutis”, fluidas e tênues.

O que é emanado provém seja da superfície das coisas (LUCRÉCIO, 2010, IV, 35-74) como as determinações visuais, as formas, as figuras e as cores; seja de sua profundidade (LUCRÉCIO, 2010, IV, 73-93) como os sons, os odores, os sabores e os calores dos corpos². Isso significa dizer que as diversas qualidades

² A distinção de emanações da superfície e emanações da profundidade também se encontra em Epicuro, *Carta a Heródotos*, 48.

que os corpos parecem ter não são qualidades em si dos corpos, mas impressões causadas nos órgãos perceptivos. Por terem formas diversas, os átomos podem coordenar-se e orientar-se diversamente, levando os corpos a produzirem sobre os sentidos impressões diversas, segunda a forma, a disposição e a orientação dos átomos que a compõem (BERGSON, 1972, p. 278). Se um mesmo corpo parece, em momentos diferentes, mudar de aspecto, é porque os átomos de seu composto se rearranjaram e produziram distintas emissões.

Estas emissões reproduzem os traços das coisas, são impressões semelhantes à fugura dos corpos sólidos (EPICURO, 1987, Carta a Heródotos, 46) e, penetrando no homem, produzem não só a sensação, mas também o pensamento, havendo ainda combinações pelos sentidos de ambas as emissões (DELEUZE, 1987, p. 280). Ou, como coloca Boyancé, as emanações vêm atingir os órgãos sensoriais e o próprio intelecto (1963, p. 184). Sendo que os simulacros que atingem a alma são ainda mais tênues do que os que atingem a visão (LUCRÉCIO, 2010, IV, 722-729). Logo, todo processo do conhecimento depende das emissões dos corpos, posto que “é pela penetração em nós de qualquer coisa vinda de fora que vemos as figuras das coisas e fazemos delas objeto do nosso pensamento” (EPICURO, 1987, Carta a Heródotos, 49). Ou seja, o que se pode ver, tocar, degustar, ouvir, cheirar e também pensar, são produto destas emissões. Diz Bergson: “os fenômenos da natureza e os atos do pensamento são movimentos de átomos; jamais teve e jamais haverá nada além de átomos, vazio e movimento” (1972, p. 278, tradução nossa).

O homem, uma vez que experimenta sem cessar as sensações, podendo tudo ver, tudo sentir e perceber o som (LUCRÉCIO, 2010, IV, 229), é receptor desses fluidos, das emanações vindas dos corpos (LUCRÉCIO, 2010, IV, 55) e é assim que experimenta o calor que emana do sol, sente um gosto de sal quando se está perto do mar, uma sensação de amargor quando dilui o absinto, ouve sons variados pelo ar (LUCRÉCIO, 2010, IV, 218-224). Ao mesmo tempo, o homem também é, por sua vez, emissor de fluidos; ele está sempre num entrelaçamento, num encontro. O sujeito perceptivo está sempre numa fluência e numa confluência de ondas diversas, de átomos sutis.

Estas emanações não são compostas de átomos, mas são qualidades apreendidas à distância sobre o objeto (DELEUZE, 1987, p. 281). A imagem formada que viaja no espaço e atinge o sistema perceptivo do sujeito conserva o aspecto e a forma do objeto do qual é oriundo (EPICURO, 1987, Carta a Heródotos, 46; LUCRÉCIO, 2010, IV, 51-52). Assim, os simulacros possuem uma aparência semelhante às coisas, porque constituídos de imagens emitidas

delas (LUCRÉCIO, 2010, IV, 98-101). Ocorre que tudo isso acontece em uma incrível velocidade: “seu movimento no vazio... leva-as a percorrerem qualquer distância imaginável num lapso de tempo inconceivelmente breve” (EPICURO, 1987, Carta a Heródotos, 46), ou, como coloca Lucrecio, percorrem um espaço indizível em um nada de tempo (LUCRÉCIO, 2010, IV, 191-193). Pelo fato de as emissões fazerem-se num tempo menor que o mínimo de tempo sensível, parecem estar ainda no objeto quando atingem os órgãos dos sentidos (DELEUZE, 1987, p. 281), mas a verdade é que, das coisas, só atingimos as suas películas.

As imagens ou simulacros se formam de modo tão veloz quanto o pensamento, sendo incessante sua emanção. Entretanto, os sentidos não podem perceber uma diminuição dos corpos de onde saíram, posto que esta matéria é constantemente repostada (EPICURO, 1987, Carta a Heródotos, 48). Nas palavras de Lucrecio, estas emanções se conservam porque são constantemente renovadas pelas figuras que lhe assemelham (2010, IV, 108-109). Os simulacros se definem por um permanente dinamismo que a percepção humana não apreende, mas que o pensamento humano tem obrigação de teorizar.

Tais imagens se destacam dos objetos dos quais guardam a forma e impressionam os olhos do sujeito lhe dando a visão das coisas, assim como os demais sentidos são também afetados por suas correspondentes emissões. O que se vê não é o simulacro, mas a imagem que eles produzem (BOYANCÉ, 1963, p. 186). Assim como os átomos, também os simulacros não se oferecem à sensação. Se pode perceber os objetos, mas não se pode ver os simulacros que atingem a visão (LUCRÉCIO, 2010, IV, 87-89; 104-106; 127-129; 257-258). Ou seja, o simulacro, nele mesmo, é imperceptível, ainda que a imagem que ele leve produza a qualidade sensível. Esta imagem é feita da somatória de muitos simulacros idênticos (DELEUZE, 1987, 281). Esclarece Lucrecio: “não sentimos cada partícula do vento ou do frio, mas sim o seu conjunto. Sentimos então as ações atingirem o nosso corpo como se uma coisa o atingisse de fora, provocando a sensação” (2010, IV, 260-264, tradução nossa).

Em todo momento se pode encontrar todo tipo de simulacro (LUCRÉCIO, 2010, IV, 797-798) porque não há exterior onde as fluências possam desaparecer. O homem tem nele a potência de apreender as imagens, assim como, por também ser um corpo, realiza suas emissões, o que equivale dizer que a vida é uma fonte em renovação constante. O Universo é essa eternidade que inclui todas as oscilações, onde se inscrevem todas as circulações imprevisíveis, incertas e hipercomplexas; cada corpo é uma sede de troca de fluxos: um entra e sai atômico, veloz, atordoante, fluxos mentais, perceptivos, orgânicos. “Em um nada de tempo são

transportados inumeráveis simulacros das coisas, de inumeráveis modos, em todas as direções, por toda a parte” (LUCRÉCIO, 2010, IV, 164-165).

4. Os simulacros de terceira espécie

Os simulacros podem manter-se por muito tempo conservando a disposição e a ordem que os átomos tinham na coisa da qual provém, mas podem também se decompor, deformando-se ou recombinação-se com simulacros de outras coisas. São esses simulacros isolados, deformados, decompostos ou desconexos que provocarão as representações fantasiosas, as “imaginações mentirosas”, como diz Michel Serres (2003, p. 163).

Há, pois, uma terceira espécie de emanção distinta das emanções da superfície e das emanções da profundidade: são os fantasmas, que têm independência em relação aos objetos. São extremamente móveis e inconstantes nas imagens que formam (já que não são renovados por novas emissões dos objetos) e se distinguem a partir de três variedades: teológicos, oníricos e eróticos (DELEUZE, 1987, p. 282).

Estes simulacros, estando muito longe dos objetos dos quais emanam, com os quais perderam sua relação direta, formam grandes figuras autônomas, parecendo independem da fonte que os emitiram (DELEUZE, 1987, p. 282). Por se afastarem das emissões contínuas não têm atrás de si nenhuma realidade, sendo vãs imaginações e representações de pura fantasia. “Assim se formam todas as imagens; os fantasmas do sonho e do delírio, e essas aparições que deram nascimento à prenoção dos deuses” (ROBIN, 1948, p. 399). Diz Lucrécio que tais simulacros que agitam a alma com terror, fazendo o homem ver figuras monstruosas e simulacros fantasmas (2010, IV, 35-39).

Os simulacros oníricos provém de diversos objetos, e provocam a visão de centauros, cêrberos e assombrações. Nos sonhos, quando o corpo dorme, as paixões e as ocupações parecem abusar do espírito humano, fazendo-o abrir-se a esses fantasmas (LUCRÉCIO, 2010, IV, 732; 962-977), onde as sombras dos mortos ressuscitam e falam (SERRES, 2003, p. 163).

Os simulacros eróticos (LUCRÉCIO, 2010, IV, 1037-1074) são os simulacros acrescidos ao prazer sexual, produzindo toda espécie de ilusões sobre o objeto amado, sobretudo ilusões relativas à sua posse (BOYANCÉ, 1963, p. 191). Emitidos por diversos objetos, a imagem constituída por esses simulacros está ligada ao objeto de amor real, mas este objeto não pode ser absorvido nem

possuído (DELEUZE, 1987, p. 283). “De um rosto bonito ou de uma tez agradável nada se oferece ao gozo do corpo que não seja simulacros tênues; miserável esperança levada pelo vento” (LUCRÉCIO, 2010, IV, 1094-1096, tradução nossa). Alimentar este simulacro é agravar aflições e sofrimentos. Ele provoca uma ferida invisível, males inumeráveis, dos quais é preciso acautelar-se.

Os simulacros teológicos são os simulacros que nascem no céu, formados de diversas maneiras, não cessando de se fundir e de mudar de aspecto (LUCRÉCIO, 2010, IV, 130-134), produzindo uma ideia de deuses terríveis, punitivos e sempre prontos a castigar o homem. São falsos deuses imaginados ou sonhados, responsáveis em grande parte por toda a perturbação da existência humana.

Não se trata aqui de um princípio de ateísmo. Não é a existência divina que é combatida, mas sim as consequências que uma má compreensão pode provocar no homem. Epicuro defende a existência feliz e eterna dos deuses, mas afirma que estes não são temíveis, “não têm perturbações nem perturba outro ser; por isso é imune a movimentos de ira ou de gratidão, pois todo movimento deste tipo implica fraqueza” (1987, 139, I). Lucrécio, da mesma forma, afirma que os seres divinos desfrutam da vida eterna em absoluta tranquilidade, estando afastado das coisas humanas a grande distância (2015, I, 40). Por isso não se deve temer ou algo esperar dos deuses, pela simples razão de que, vivendo em eterna satisfação, eles com isso não se preocupam. Os deuses não abandonam sua condição de absoluta serenidade nem para beneficiar nem para castigar o homem, não fazendo, pois, sentido que a imaginação fantasiosa produza os temores que, muitas vezes, paralisam a sua vida.

Os simulacros fantasmas produzem o medo dos deuses e o desejo infinito de prazer, levando o sujeito ao convívio de falsos infinitos. “Os simulacros inspiram à sensibilidade um falso sentimento da vontade e do desejo... produzem a miragem de um falso infinito nas imagens que formam e fazem nascer a dupla ilusão de uma capacidade infinita de prazeres e uma possibilidade infinita de tormentos” (DELEUZE, 1987, p. 284). Continua Deleuze, “o desejo amoroso não possui senão simulacros que lhe fazem conhecer o amargor e o tormento até mesmo em seu prazer que ele deseja infinito; e nossa crença nos deuses repousaria em simulacros que nos parecem dançar, modificar seus gestos, lançar vozes que nos prometem penas eternas, em suma, representar o infinito” (1987, 284).

Por isso dirá Lucrécio que convém fugir desses fantasmas nascidos do sonho, do céu e da libido, convém asfatá-los, voltar o espírito para outro objeto (2010, IV, 1964), porque estes são os fantasmas das angústias. O desejo, o corpo

erótico do prazer sem fim, os sonhos, o instinto de morte, trabalham como fantasmas assombrosos: quem sonha, deseja, imagina, está cheio de angústia e torna seu mundo um inferno, porque estes fantasmas se tornam o sentido do seu mundo. Tudo na vida do homem passa a estar vinculado ao funcionamento desses ídolos, até a ciência que se constitui! Como afirma Serres, esta ciência “é requerida para assegurar a paz, a felicidade do desejo em um mundo apaziguado” (2003, p. 164).

As emanações, critério de verdade do atomismo, conhecem aqui a sua outra face: a tolice, o engano, a mentira. A emanação aqui, torna-se então, um rumor e uma amargura que o homem encontra a todo instante: “os simulacros se encontram em toda parte. Não cessamos de nos banhar neles, de sermos atingidos por eles como por fluxos de ondas” (DELEUZE, 1987, p. 282). Em outras palavras, o mundo em que vivemos é envolvido por uma névoa de ilusão, sem que o homem possa ter controle disso.

Há uma ilusão que percorre a natureza e que pode dominar o homem. Os fantasmas não são criados por um sujeito, mas são imagens reais, pertencendo ao campo imanente da natureza. A natureza é penetrada de miragens, então não se pode livrar deles, mas sim aprender a conviver alegremente com eles. Como diz Kipling em seu poema *If*: o homem deve ser capaz de sonhar, mas não fazer dos sonhos teus senhores³. Ao fortalecer o pensamento, ao invés de crer neles, ser por eles dominado, o homem reconhece que não passam de fantasmas e, assim, que não há razão para temê-los (ULPIANO, 1994a).

Conclusão

Lucrécio diz que sua doutrina frequentemente parece muito obscura para quem não a pratica. E, por isso, assim como os médicos para fazer as crianças tomarem o repugnante absinto, as enganam com o favo de mel, ele também usa o canto melodioso das musas para expor a sua doutrina (2010, I, 935). É como se o homem comum precisasse ser seduzido; quando o seu espírito se torna vulnerável pela beleza do canto das musas, ele pode deixar-se capturar e assim perceber a natureza das coisas, bem como a sua utilidade (2010, IV, 11-25).

A compreensão da física como ciência do nascimento e da morte, como chamava Epicuro (LAËRTIOS, 1987, X, 30) traz ao homem a saída da irracio-

³ No original: “*If you can dream--and not make dreams your master*”. Poema de Rudyard Kipling. Disponível em: <http://www.kiplingsociety.co.uk/poems_if.htm>. Acesso em: 06 ago. 2017.

nalidade e das opiniões vãs, proporcionando uma vida longe das perturbações que lhe afetam e desestabilizam e, conseqüentemente, ensejando a conquista de uma vida feliz. É o estreitamento entre a física e a ética, a intimidade entre campos do saber aparentemente tão distintos.

Referências

- ARISTÓTELES. *Da geração e da corrupção*. São Paulo: Landy, 2001.
- _____. *Metafísica*. 3 volumes. São Paulo: Loyola, 2002.
- BERGSON, Henri. Extraits de Lucrèce avec commentaire, études et notes. In _____. *Mélanges*. Paris: PUF, 1972.
- _____. *Cursos sobre a filosofia grega*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BOYANCÉ, Pierre. *Lucrèce et l'épicurisme*. Paris: PUF, 1963.
- CÍCERO, Marco Túlio. *Do sumo bem e do sumo mal*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- COMTE-SPONVILLE, André. *Lucrèce: poète et philosophe*. Tournai: La Renaissance du livre, 2001.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- DEMÓCRITO. Fragmentos. In BORNHEIM, Gerd. *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 2007.
- EPICURO. Obras Completas. 2. ed. Madrid: Cátedra, 1996.
- _____. Carta a Heródotos. In LAËRTIOS, Diôgenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. 2. ed. Brasília: UNB, 1987.
- _____. Carta a Pitoclés. In LAËRTIOS, Diôgenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. 2. ed. Brasília: UNB, 1987.
- _____. Carta a Menoiceus. In LAËRTIOS, Diôgenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. 2.ed. Brasília: UNB, 1987.
- _____. Máximas Principais. In LAËRTIOS, Diôgenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. 2.ed. Brasília: UNB, 1987.
- FEYNMAN, Richard. *Física em doze lições: fáceis e não tão fáceis*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- HEGEL, G. W. F. *Lecciones sobre la historia de la filosofia*. Volume I. México, D.F.: Fondo de Cultura económica, 1995.

- LAËRTIOS, Diôgenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. 2. ed. Brasília: UNB, 1987.
- LEUCIPO. Fragmentos. In BORNHEIM, Gerd. *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 2007.
- LUCRÉCIO. *Da natureza das coisas*. São Paulo: Cultura, 1941.
- _____. *Da natureza das coisas*. Lisboa: Relógio D'água, 2015.
- _____. *De la naturaleza de las cosas*. Buenos Aires: Espasa, 1946.
- _____. La nature des choses. In _____. *Oeuvres complètes de Lucrèce*. Paris: Garnier Frères, [s/d].
- _____. La nature des choses. In DELLATTRE, Daniel; PIGEAUD, Jackie (org.). *Les Épicuriens*. Paris: Gallimard, 2010.
- MARX, Karl. *Diferencia entre la filosofía de la naturaleza de Demócrito y Epicuro*. Coyoacán: Sexto Piso, 2004.
- _____. *As filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro*. Lisboa: Presença, [s/d].
- MONDOLFO, R. *El infinito en el pensamiento de la antigüedad clásica*. Buenos Aires: Imán, 1952.
- PETERS, F. E. *Termos filosóficos gregos: um léxico histórico*. 2 ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983.
- SERRES, Michel. *O nascimento da física no texto de Lucrecio*. São Paulo: UNESP, 2003.
- ULPIANO, Claudio. Lucrecio e os falsos infinitos. Aula de 17/06/1992. Disponível em: <<http://claudioulpiano.org.br/aulas-transcritas/lucrecio-e-os-verdadeiros-e-falsos-infinitos/>>. Acesso em: 06 jul. 2017.
- _____. Lucrecio e a ontologia da ilusão. Aula de 16/06/1992. Disponível em: <<http://claudioulpiano.org.br/aulas-transcritas/lucrecio-e-a-ontologia-da-ilusao-2/>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

Artigo recebido em 31 de outubro de 2017
e aprovado para publicação em 23 de novembro de 2017

Como citar:

BRUNO, Flavia. O atomismo e os falsos infinitos. *Coletânea*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 32, p. 203-215, jul./dez. 2017. ISSN 1677-7883. Disponível em: <www.revistacoletanea.com.br>.